

Mãe Sylvia da Oxalá: luta e história para patrimonializar o primeiro terreiro de candomblé no estado de São Paulo¹

Eunice Gonçalves Queiroz e Henrique Cunha Junior

Resumo

As histórias da cidade de São Paulo são feitas com processos da criação da realidade desejada com a imposição das impressões dos grupos de poder, destruindo e construindo seus ideais e escrevendo e formando a memória pelos apagamentos das histórias com a escrita de uma nova história. Nesse artigo, fruto de pesquisa de mestrado, apresentamos um fragmento do patrimônio cultural da cidade de São Paulo que é o terreiro Axé Ilê Oba, e da fortíssima presença feminina da Yalorixá Mãe Sílvia de Oxalá, que exerceu grande protagonismo social diante dos movimentos negros paulistanos nas décadas de oitenta e noventa, onde acompanhou o processo de restabelecimento democrático do país, exercendo uma forte representação, tanto dos terreiros de candomblé como da população negra junto aos órgãos municipais. Analisa-se a arquitetura do Axé Ilê Obá que foi o primeiro terreiro de Candomblé da cidade de São Paulo a ser tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) em 1990 na gestão desta yalorixá entre os anos de 1986 à 2014 e também obteve a criação do Centro de Cultura Negra, ambos no bairro do Jabaquara. Pretende-se neste trabalho descortinar fatos que comumente ficam ofuscados, possibilitando assim que façam parte da real construção da cidade.

Palavra-Chave: patrimonialização; terreiro de candomblé; yalorixá.

MADRE SYLVIA DA OXALÁ: LUCHA E HISTORIA PARA PATRIMONIALIZAR EL PRIMER TERREIRO DE CANDOMBLÉ EN EL ESTADO DE SÃO PAULO.

Las historias de la ciudad de São Paulo se construyen mediante procesos de creación de la realidad deseada mediante la imposición de las impresiones de los grupos de poder, la destrucción y construcción de sus ideales, y la escritura y formación de la memoria mediante el borrado de las historias con la escritura de una nueva historia. En este artículo, resultado de una investigación de maestría, presentamos un fragmento del patrimonio cultural de la ciudad de São Paulo, que es el terreiro Axé Ilê Obá, y la fuerte presencia femenina de Yalorixá Mãe Sílvia de Oxalá, quien desempeñó un papel social fundamental en los movimientos negros de São Paulo en las décadas de 1980 y 1990, donde acompañó el proceso de restablecimiento democrático del país, ejerciendo una fuerte representación, tanto de los terreiros del Candomblé como de la población negra ante los órganos municipales. Este estudio analiza la arquitectura de Axé Ilê Obá, el primer terreiro de candomblé de la ciudad de São Paulo declarado Patrimonio Histórico, Arqueológico, Artístico y Turístico (CONDEPHAAT) en 1990, bajo la gestión de esta yalorixá entre 1986 y 2014. También creó el Centro de Cultura Negra, ambos en el barrio de Jabaquara. Este trabajo busca revelar hechos que suelen pasarse por alto, permitiéndoles así formar parte de la verdadera construcción de la ciudad.

Palabras clave: patrimonialización; terreiro de candomblé; yalorixá.

MOTHER SYLVIA DA OXALÁ: STRUGGLE AND HISTORY TO PATRIMONIALIZE THE FIRST CANDOMBLÉ TERREIRO IN THE STATE OF SÃO PAULO.

The histories of the city of São Paulo are made with processes of creating the desired reality with the imposition of the impressions of the power groups, destroying and constructing their ideals and writing and forming the memory by erasing the histories with the writing of a new history. In this article, the result of master’s research, we present a fragment of the cultural heritage of the city of São Paulo, which is the Axé Ilê Obá terreiro, and the very strong female presence of Yalorixá Mãe Sílvia de Oxalá, who played a major social role in the black movements of São Paulo in the eighties and nineties, where she accompanied the process of democratic reestablishment of the country, exercising a strong representation, both of the Candomblé terreiros and of the black population before the municipal bodies. This study analyzes the architecture of Axé Ilê Obá, which was the first Candomblé terreiro in the city of São Paulo to be listed by the Council for the Defense of Historical, Archaeological, Artistic and Tourist Heritage (CONDEPHAAT) in 1990, under the management of this yalorixá between 1986 and 2014. It also created the Black Culture Center, both in the Jabaquara neighborhood. This work aims to uncover facts that are commonly overlooked, thus enabling them to be part of the real construction of the city.

Keywords: patrimonialization; candomblé terreira; yalorixá.

Resumo

1. A construção do patrimônio imaterial da cidade de São Paulo através de mulheres negras

Abstract

A história oficial da cidade de São Paulo e de seu urbanismo destaca apenas os imigrantes europeus e japoneses. Formulou-se um mito da cidade da imigração italiana no início do século 20 e que incluiu no século 21 os japoneses e asiáticos, contudo, poucas e apagadas são as referências a população negra e muito menos as matrizes culturais africanas presentes na cidade. Sendo que durante quase três séculos a maioria da população da cidade foi composta por africanos e descendentes devido ao escravismo criminoso e no pós-abolição as migrações internas de nordestinos em sua maioria de negros e pardos. Hoje do ponto de vista estatístico existe um reconhecimento da presença de densa população negra em bairros de regiões específicas da cidade, sem contudo, esses dados modificarem o imaginário da cidade quanto a presença de população negra. Existiu o projeto republicano de substituição da mão de obra de africanos pela de imigrantes europeus e que produziu a desqualificação social da população negra para o trabalho da sociedade livre industrial, Cunha Junior, (2022). Sendo que um dos fatores desse projeto do estado brasileiro foi o apagamento da memória social brasileira com relação às populações negras brasileiras. Como a cidade de São Paulo se consagrou como o principal centro industrial do país, essa mentalidade racista e xenófoba da eliminação dos mercados de população negra obteve grande êxito na cidade. A contestação dessa imagem oficial mesmo nas ciências sociais foi realizada na dissertação de mestrado de Carlos Jose Ferreira dos Santos, sob o título: Nem tudo era Italiano: São Paulo e pobreza (1890 - 1915), Santos, (1998). Antes de 1850, a cidade de São Paulo era caracterizada como uma cidade de população negra e força cultural Bantu. Marcador que pode ser apreendido observado a toponímia da cidade.

Sendo que o primeiro registro acadêmico sobre população negra na cidade de São Paulo data de 1945, Bicudo (1945; 2010), trata-se de uma pesquisa pioneira realizada pela socióloga e pesquisadora negra Virginia Bicudo na sua dissertação de mestrado. A dissertação como o título: Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. A primeira formação de sociólogos no Brasil ocorreu em 1936 na Escola Livre de Sociologia Política (não vinculada a Universidade de São Paulo), sendo Virginia Bicudo a única mulher entre os oitos formandos. O seu trabalho que permaneceu por décadas quase que completamente desconhecido e de acesso dificultado por reformas e mudanças da Escola de Sociologia Política de São Paulo, veio a público somente depois do ano 2000.

Hoje do ponto de vista estatístico existe um reconhecimento da presença de densa população negra em bairros de regiões específicas da cidade,

sem contudo, esses dados modificarem o imaginário da cidade quanto a presença de população negra.

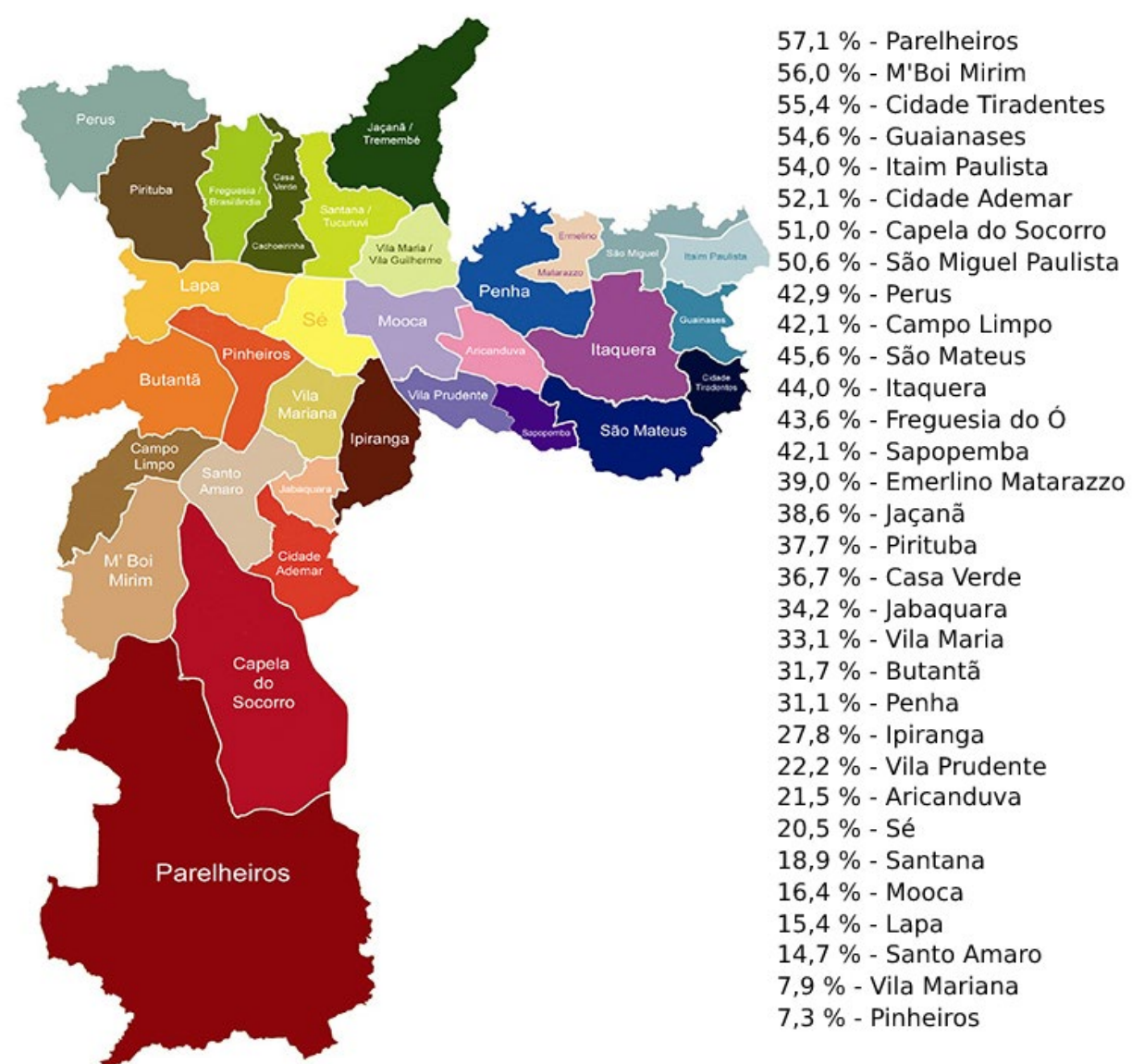
Relativo ao patrimônio cultural da cidade material e imaterial, a presença de mulheres negras é inexistente e são raríssimas as menções as culturas negras, e menos ainda das religiões de matriz africana. Da forma que são produzidos os estudos urbanísticos e geográficos este perfil se repete e mais uma vez as religiões de matriz africana ficam invisibilizadas; se produz na população da cidade de São Paulo a imagem que candomblés, umbandas e igrejas de irmandades negras são coisas apenas de cidades como Bahia, Rio de Janeiro e Maranhão.

O Axé Ilê Obá foi o primeiro terreiro de Candomblé da cidade de S. Paulo a ser tombado pelo CONDEPHAAT em 1990. Hoje o terreiro tem a sua continuidade sob a liderança espiritual de Mãe Paula de Yansã, sendo um terreiro existente desde 1950.

A memória histórica da cidade de São Paulo sobre os candomblés e umbandas é confusa. Sendo em 2014 que o Terreiro de Santa Bárbara, na Vila Brasilândia, zona norte da capital paulista, fundado em 1960, recebeu o título de patrimônio imaterial histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e foi de maneira equivocada considerado o terreiro mais antigo da cidade de São Paulo.

2. A cidade de São Paulo e a população negra

As histórias das cidades são feitas com dois processos, a criação da realidade desejada construtivo e com a imposição das impressões dos grupos de poder, destruindo e construindo seus ideais e escrevendo e formando a memória pelos apagamentos das histórias com a escrita de uma nova história. Quando se publica a história da cidade o poder do momento histórico se encontra cristalizado e as forças que construíram a cidade apagadas e sepultadas, os edifícios demolidos e o desejado construído e transformado nos marcos da transformação imposta e muitas vezes irreal como imagem da cidade na sua totalidade. Sempre existem imagens não vis-



Mapa das concentrações de populações negras e pardas na cidade de São Paulo.
Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo – Secretaria da Igualdade Racial – 2010.

As falsificações das cidades se cristalizam em registro impressos com precisão apenas do que interessa os grupos de poder, em poder dizer que cidade é deles. A história da cidade é um relato visual e fotográfico que interessa demarcar como existente.

ta, grupos sub representados e grupos de demolições não completamente demolidas porque pessoas são transportadas e relegadas a espaços geográficos novos e transformados em incógnitos.

São Paulo não tem população negra, porque os próprios negros não se sabem negros. Porque a história, a geografia, a arquitetura e o urbanismo e a consciência da memória histórica da cidade foram transformadas em modernos e italianos, depois em industriais e japoneses. São Paulo é em realidade da sua história real uma cidade de populações bantu até 1860. Tornou-se a terra do café e dos bandeirantes como marco da província entre 1890 e 1920. Foi reproduzida como a modernidade e teve num movimento cultural bastante divulgado na história das artes que foi o denominado Movimento de 1922 e que nada realizou na verdade de importante e de impacto na cidade, e tornou-se importante devido o trabalho de ideólogos da Universidade de São Paulo. Virou a terra do café e dos italianos entre 1920 e 1940. Devido não apenas as imigrações italianas, mas principalmente pelo apagamento dos negros existentes anteriormente e omissão da história sobre as nossas migrações internas. Das demolições realizadas as maiores ocorreram entre 1940 e 1960, dando os símbolos as formas do industrial que comando o movimento histórico nos sentidos reais e do imaginário que se quis dar sobre a história, sendo que aparecem de 1970 em diante os japoneses, não tão numerosos, mas com poder de ser parte das partes da cidade.

Como foi realizada a cidade de São Paulo pelo progressivo do sistema de bairros negros, expandidas primeiro no sentido Barra Funda Casa Verde.; noutro sentido de Santo Amaro e também sentido migrante da zona leste da Cidade, que se tornaram de nordestinos, raramente referidos como população negra. As falsificações das cidades se cristalizam em registro impressos com precisão apenas do que interessa os grupos de poder, em poder dizer que cidade é deles. A história da cidade é um relato visual e fotográfico que interessa demarcar como

existente. Os historiadores profissionais servem para dar conteúdo documental e científico do que se quer que seja escrito como história. Não existe uma história de maioria negra nas histórias de São Paulo, porque não se deseja que assim seja. A pioneiríssima dissertação de mestrado de 1945, da ilustríssima pesquisadora socióloga e psiquiatra negra Virginia Bicudo que estudas os bairros negros da região de Casa Verde Alta e Freguesia do Ó, desaparece, não citada pelos sociólogos e historiadores marxistas. O trabalho militante e importantíssimo de Carlos José dos Santos, como o título "Nem tudo era italiano", figura como importante contestação sobre a formação da cidade de São Paulo e a população negra existente no início do século passado Santos (1998). Da mesma forma da tese de Maria Nilza da Silva, "Nem Para Todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo", fixou o principal marco de análise da cidade quanto a populações negras Silva (2006). De forma localizada em três Bairros Negros Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardins Ângela, denominados na linguagem urbanística como de periferia, existe o trabalho de Reinaldo Jose de Oliveira que estudou os contextos de desenvolvimento dessas localidades como segregações espaciais da cidade. Oliveira (2008) O trabalho de 2017 de Danilo Sales do Nascimento França é um estudo recente e que atesta os elementos das segregações espaciais urbanas da cidade de São Paulo França (2017).

A ciência nacional se especializou na história da mestiçagem e de tornar invisíveis as populações negras existentes ao longo de toda história negra da cidade de São Paulo.

Na Figura 1 temos o mapa da cidade de São Paulo que marca as concentrações de população negra nesta cidade. O censo de 2010 mostra que 37% da população se declara preta e parda. Concentração da população – a população negra concentra-se nas periferias da cidade em locais com poucas possibilidades de emprego e menor infraestrutura *per capita* como hospitais e áreas de lazer entre outros. Em locais como Parelheiros, a população negra chega a 57,1% enquanto em zonas como Pinheiros este número diminui drasticamente para 7,3% (Fonte: IBGE – Censo 2010).

Durante o escravismo criminoso foi impossível produzir, construir e pensar as cidades sem as populações negras. Duas das principais imposições da dominação histórica foram e continuam sendo em não se pensar a população negra como produtora de pensamento e da ausência de civilização na África. Tudo que o invasor das terras indígena, o português fez e pode realizar no Brasil foi contando com o pensamento e o conhecimento das populações negras. As realizações dependeram do conhecimento tecnológico trazido das civilizações africanas. Tudo que o impostor criminoso desejou fazer ele co-



Foto frontal do terreiro Axé Ilê Obá (esquerda), ao lado, Figura 3 - Foto em perspectiva da sua escadaria para o portão central com destaque para a parede lateral do salão principal (a esquerda na foto), projeto construído em um terreno em alcive. Fonte: Figura 2 e 3 - Fotografias: Nice Gonçalves.

munizou a população negra que organizou os canteiros de obra e executou. As populações negras pensaram e executaram grande parte do foi construído nas cidades do estado de São Paulo ao longo da nossa história.

A história brasileira e portuguesa omite que os imigrantes para o Brasil eram de degradados, pessoas analfabetas, desempregadas, penalizadas pela justiça e mercenários. Pouco ou nenhum preparo para a agricultura e pecuária tropical e menos ainda para as atividades da engenharia e da construção.

Portugal até 1900, ou seja, muito depois da independência do Brasil, tinha para cada 4 pessoas apenas uma alfabetizada. No período do escravismo criminoso em Portugal apenas 1 em 10 pessoas era alfabetizada. O desenvolvimento de tecnologias e conhecimentos sempre foi ínfimo e mesmo porque o país era pequeno e de cidades pequenas. O acúmulo de riqueza se deu pela pirataria e invasão, ocupação e saque nas terras africanas e brasileiras. O maior fluxo de riqueza foi formado pela invasão e destruições das cidades da região do oceano, indicam que eram cidades estados desprovidas de exércitos, e que a massa da população restante ao massacre das invasões foi escravizada. Nos séculos 15 e 16 a pirataria portuguesa e europeia no atlântico e mediterrâneo foi muito intensa, formando um número grande de fortificações de grupos piratas.

Os missionários da companhia de Jesus: A formação de exércitos paroquiais de ocupação de terras e de fazendas de produção como escravizados é também um ponto obscuro da história africana e brasileira. Os denominados missionários tiveram a autorização em matar, escravizar as populações não cristas. Não conseguimos estudar a dimensão desses feitos, pois poetizamos a missão dos missionários jesuítas como bons cidadãos, os primeiros "civilizadores", homens cultos do Brasil Colônia; Escravizadores criminosos que ficaram com a marca de neutralidade e certa bondade no processo de invasão e

ocupação dos territórios. A cidade de São Paulo se edifica da ocupação desses exércitos religiosos em colaboração com os exércitos mercenários bandeirantes. Sendo que os jesuítas produziram edificações que se mantiveram ao longo dos séculos expressando o poder desse grupo entre os demais portugueses. Sem que historiador algum pergunte como se construíram o denominado Pátio do Colégio e o início da vila de São Paulo, como também das demais vilas no litoral e ao longo dos caminhos, entre o mar e costa. A segunda forma estranha nas entranhas do território foram os bandeirantes., esse não tão puros e nem tão "civilizados" como se diz os jesuítas. Sendo que outro segredo da nossa história é que parte dos jesuítas não foram portugueses nascidos em Portugal, eram padres vindos dos domínios portugueses como Cabo Verde e Guiné.

3. O terreiro Axé Ilê Obá: breve história e localização

O Axé Ilê Obá é primeiro terreiro de Candomblé da cidade de São Paulo a ser tombado como patrimônio material e imaterial. O nome em Yorùbá "Axé Ilê Obá" significa "A Força da Casa do Rei" e sinaliza uma instituição de religião africana tradicional. Hoje o terreiro tem a sua continuidade na terceira geração e sob a liderança espiritual de Mãe Paula de Yansã, então suas raízes e continuidade desde 1950 faz parte da realidade paulistana.

Sobre o seu caminho em terras paulistas, Queiroz (2023) no seu trabalho: Orixás e a sua complexidade sistêmica com Design, Arquitetura e Urbanismo e Arte no terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo, faz um resumo das décadas de luta deste povo negro, que o terreiro teve início de suas atividades na década de 1950, no centro da capital paulista, com o Babalorixá Caio de Xangô, na Congregação Espírita Beneficente Pai Jerônimo. Em 1960 a casa reabriu no bairro do Jabaquara, na Rua Mucuri, devido a necessidade de



Figura 4 – Planta baixa do terreiro e no Quadro 1 os locais internos no terreiro com o seu sagrado. Fonte: Figura 4 – Livro: Terreiros tombados em São Paulo – autor: Wagner Gonçalves Silva. Fonte: Quadro 4 - Dados compilados pela autora.

| QUADRO 1 - LOCAIS SAGRADOS NO AXÉ ILÊ OBÁ | | |
|---|----------------------|-------------------------------|
| Número na planta | Local | Entidade |
| 2 | Assetamento | Exú e Ogum, Yami, Longagi |
| 7 | | |
| 8 | Quartos | Exú Marabó, Caveira e de Ogum |
| 9 | | |
| 10 | Quarto | Ogum Caboclo |
| 12 | Quarto | Oxóssi e Logunedê |
| 13 | Assentamento | Exú |
| 14 | Quarto | Obaluê e Nanã |
| 15 | Peji | Ossain |
| 16 | Poço de assentamento | Oxumarê |
| 17 | Quarto | Inhasã e Balé. |
| 18 | Quarto | Oxum |
| 19 | Quarto | Xangô |
| 20 | Quarto | Iemanjá |
| 21 | Quarto | Oxalá |
| 22 | Iroko | Iroko |
| 23 | Tempo | Tempo |
| 24 | Obará Meji | Obará Meji |
| 25 | Sabagi | Sabagi |
| 37 | Sagrado | Árvore |

mais natureza, crescimento no número de filhos de santo e entre outros os problemas com a "Polícia de Jogos e Costumes". Em 1965, com recursos próprios e com a ajuda dos filhos de santo, iniciou-se a construção da atual sede que Pai Caio chamava de "Palácio de Xangô". Então em 1975, se fundou oficialmente o Axé Ilê Obá e se transferiu as atividades para a sua nova sede, em uma área de 4.000 m²; em 1990 o terreiro foi tombado pelo CONDEPHAAT de São Paulo, sendo no Estado o primeiro da categoria reconhecido.

As religiões africanas mantiveram-se fortemente presentes em São Paulo. Na região paulista, como em todo Sul e Sudeste do país durante o século XIX, predominava a presença mais marcante da etnia banto e, em menor grau, mina ou gege, encontradas nas religiões de candomblé de Angola. Os terreiros, onde predomina a tradição étnica dos bantos, se expandem nas regiões urbanas do país [...]. Estes terreiros abrigaram grupos de compositores e músicos que eram perseguidos pela polícia, pois não se admitia, na época, o samba e outras formas musicais da herança musical africana no Brasil. (...). (Correa, 2014, p. 22)

O espaço Axé Ilê Obá, tornou-se referência pela tradição e manutenção do culto e das tradições religiosas de origem negra, assim como pela preservação da cultura brasileira. Principalmente devido a importância do grupo candomblecista como local de acolhimento, ensinamentos e resgate dos valores étnicos e a sua importância como grupo social com a sua participação e apoio na comunidade populacional do entorno.

E apesar da sociedade ter uma visão negativa e excludente sobre o terreiro, produzindo um conflito étnico racial, que se insere nas práticas de racismo estrutural brasileira negacionista sobre a cultura de base africana. Mas, a realidade é que o axé tem um movimento de aglutinar e apoio na sociedade, onde a religiosidade e a cultura estão intrínsecas.

A religiosidade da macumba preserva o culto aos ancestrais, [...]. O seu panteão de divindades é constituído, entre outras entidades [...], de espíritos de Pretos-Velhos, Pretas-Velhas, Caboclos e, necessariamente, do orixá, fon-gege e yorubá, Exu. Este orixá é imprescindível em qualquer culto que contenha os componentes destas etnias, na medida em que impulsiona as relações entre os homens e os deuses, [...] e, reconstrói e apresenta as novas formas de ser e viver do afro-descendente nas cidades. (Correa, 2014, p.111/112).

Para melhor exemplificar a seguir temos a Figura 2 a qual é uma fotografia frontal do terreiro Axé Ilê Obá, na Figura 3 outra fotografia em perspectiva, se estando dentro do terreiro, da sua escadaria para o portão central com destaque para a parede lateral do salão principal que está à esquerda da fotografia mostrando seu significativo pé direito, pois o projeto foi feito para um terreno em alcive, mas graças ao seu projeto arquitetônico o salão central está nivelado com as partes internas do terreiro. Na Figura 4 há sua planta baixa e no Quadro 1 o detalhamento dos seus cômodos.

4. O sítio da ressaca

Neste mesmo bairro existe uma casa que conforme relatos dos filhos do terreiro Axé Ilê Obá havia um buraco dentro do seu cômodo. Com referência a sua construção é constatado que a sua técnica construtiva é "Taipa de Pilão", que consiste em socar o barro com a mão de pilão entre pranchas verticais de madeira também chamada de Taipal, formando-se assim as paredes externas com cerca de 50 cm de espessura e as paredes internas eram originalmente de pau-a-pique. Essa técnica de origem árabe foi amplamente utilizada pelos novos moradores paulistas. Sobre as várias técnicas de construção, Sato (2011) nos acrescenta que a construção com terra crua existe aproximadamente há mais de dez mil anos. Foi utilizada, principalmente, em regiões como a Mesopotâmia (nos Jardins da Babilônia) Egito Antigo, e na Muralha da China, construída em terra no ano de 3.000 a.C. Essa técnica teve origem nos povos, Pisani (2006) árabes e berberes, e recebeu a denominação de taipa de pilão por ser socada (apiloada) com auxílio de mão de pilão. Nas Figuras 5 e 7 há imagem da casa construída com a técnica de Taipa de Pilão, existente atualmente no bairro do Jabaquara e chamado de Sítio da Ressaca, já na Figura 6 a planta baixa com destaque para o local que está a casa.

5. Mãe Sílvia de Oxalá.

Em sua trajetória a força de sua família com a ancestralidade se destacaram em vários momentos como uma bússola direcionando o caminho dos Egdio onde se tem relatos que sua bisavó (Correa, 2014, p.58) Cândida foi avó de Caio Egdio e, com o dinheiro que ganhava no ofício de doceira conseguiu um grande patrimônio, tendo sido uma das primeiras mulheres negras a ter um pequeno capital e possuir imóvel na cidade de Campinas, São Paulo.

Sylvia Egdio mais conhecida como Mãe Sylvia de Oxalá, nascida em 1939 na capital de São Paulo, morou no bairro da Liberdade bairro de negros no início do século, onde temos atualmente a "Capela dos Aflitos" (também conhecida como Capela de Nossa Senhora dos Aflitos que está localizada no bairro da Liberdade, entre a Rua Galvão Bueno e a da Glória). Estudou no Colégio Caetano de Campos e ingressou na Escola de Enfermagem

Essa técnica teve origem nos povos, Pisani (2006) árabes e berberes, e recebeu a denominação de taipa de pilão por ser socada (apiloada) com auxílio de mão de pilão.

da Cruz Vermelha. Sendo a única filha mulher de quatro filhos, onde seu pai era Chefe do Cadastro de Fiscais da Prefeitura e sua mãe possuía um Ateliê de Bordados (em sua casa).

Seu pai faleceu quando ela tinha 14 anos obrigando a Mãe a trabalhar arduamente e inserir os filhos na labuta, conforme relato da própria Mãe Sylvia de Oxalá:

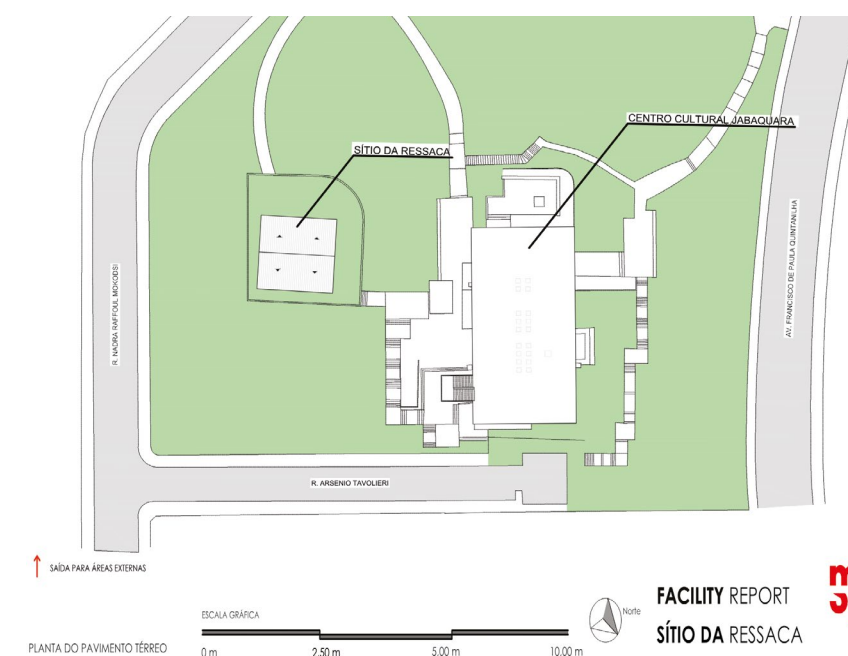
Minha mãe era bordadeira, bordava para boa parte do Jardim Europa e com isso ela ganhou a vida, quando meu pai faleceu, tivemos uma queda e adaptação da situação, íamos para feira para trabalhar além de vender pipas para todo mundo do bairro, imagina uma mulher com quatro filhos para criar. Meus irmãos foram trabalhar, minha mãe buscou apoio com o Prestes Maia² que ajudou meus irmãos a arrumar emprego. Eu naquela época por ser menina minha mãe achava que eu tinha que ter profissão e diploma para trabalhar, tive que aceitar porque naquele tempo era diferente. (Correa, 2014, p.85)

Entende-se aqui a importância e um diferencial da família em direcionar os filhos a ter uma profissão e diploma; o que estruturou o futuro da futura yalorixá e seus irmãos. E o enfrentamento a exclusão também foi um exercício que lhe foi ensinado e exercitado pelos pais, onde segundo seu relato:

Minha mãe e meu pai foram a base de tudo que eu aprendi, eles não admitiam o racismo, se precisar reagir eles reagiam. Mamãe lia as Revistas do Arquivo Municipal pra gente, lá tinha muita coisa sobre a verdadeira história do negro. Somos descendentes de reis e rainhas foi lá que comecei a aprender tudo isso. (Correa, 2014, p. 93)

Sofreu muita discriminação e exclusão, mas foi sempre adiante na profissão e seu aperfeiçoamento, tendo a família como leme, onde vale destacar que: em 1958 (29

Duas faces da casa no Sítio da Ressaca, e na Figura 6 o mapa da sua distribuição no local. Fonte: Figuras 5 e 7 - https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/pauloduarte/index



Fonte: <https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/sitio-da-ressaca/>



Mãe Sylvania de Oxalá.
Fonte: Acervo Axé
Ilê Obá

(Dispõe sobre a competência, organização e o funcionamento do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado, criado pelo artigo 128 da Constituição Estadual e dá outras providências) - é o órgão responsável pelos estudos e pelos processos referentes ao tombamento de bens no Estado, funciona como um órgão de proteção do Estado aos monumentos de qualidade estética ou histórica. A partir daí um longo caminho se percorreu para o reconhecimento do Axé Ilê Obá fosse reconhecido como patrimônio histórico na cidade de São Paulo, pois fazendo um resumo dos fatos temos:

- 04 de novembro/1987, o pedido de início do processo foi despachado.
- 10 de novembro/1987, o procedimento é encaminhado à historiadora Marly Rodrigues para parecer - vendo relevância.
- 10 de março/1988 é anexado o pedido do Deputado Estadual Jairo Mattos solicitando agilização no procedimento.
- 28 de março/1988, o Presidente do CONDEPHATT determina a agilização dos estudos.
- 09 de maio/1988 o processo é encaminhado ao arquiteto Bernardo José Castelo Branco - vendo relevância
- 09 de maio /1988 autor arquiteto - não vendo relevância
- 26 de outubro/1988, é anexado ofício no qual Mãe Sylvania através de carta endereçada ao Governador Orestes Quéricia, solicita a agilização do processo.
- 04 de novembro/1988, o CONDEPHATT solicita um inventário dos elementos materiais do culto, e ainda, o convite a dois especialistas para oferecerem maiores subsídios ao processo.
- O processo é encaminhado ao arquiteto Castelo Branco que cita o Terreiro Casa Branca de Salvador já tombado.
- Foi feito um amplo inventário das peças materiais, o espaço exterior e todos os quartos foram escrutinados.
- 03 de outubro /1989 é anexado um ofício da antropóloga Rita de Cassia - vendo relevância.
- O antropólogo Wagner Gonçalves Silva encaminha um estudo que mostra o empenho de Mãe Sylvania e a importância da continuidade do grupo.
- Parecer do sociólogo Reginaldo Prandi, anexado ao da historiadora Marly Rodrigues - vendo relevância.
- 9 de março / 1990, a então presidente, a antropóloga Josilideth Gomes Consorte, vem ao encontro do que já havia sido levantado, ela coloca que:

O conhecimento de que já dispomos a respeito dos terreiros paulistas permite-nos perceber que o processo vivido pelo Aché Ilê Obá, em suas linhas gerais, não é muito diversos daquele experimentado por outros candomblés de S.P., origens na Umbanda, na década de 50, mobilidade espacial forçada pelo crescimento urbano ou pela especulação imobiliária, busca de espaço onde possa viabilizar-se, esforço no sentido de legitimar-se; busca de apoio na sociedade mais ampla, no sentido de sobreviver às ameaças de natureza variada. (...), indiscutível o valor cultural do terreiro em questão e a importância da sua manutenção e preservação contra quaisquer ameaças que possam vir a desfigurá-lo. Seria pena expô-lo ao risco de uma desapropriação em razão do crescimento urbano, especulação imobiliária ou de outros interesses.(...) Ao reconhecer a sua importância, ... , não gostaria de ver restrita à este o benefício do tombamento, tomando a liberdade de sugerir ao CONDEPHATT a criação de uma comissão aos pedidos dessa natureza. (Correa, 2014, p.147)

O processo ficou apto para a decisão do colegiado, e Mãe Sylvania se articulou para estar presente nesta reunião. Correa (2014) Como o antropólogo Edgar de Assis Carvalho, havia previsto, a participação e a intervenção argumentativa de Mãe Sylvania, naquela decisiva reunião do conselho, resultou positiva para o processo.

A decisão proferida pelo Conselho em 23/04/1990, deliberou aprovar por maioria de votos, o tombamento da Congregação Espírita Beneficente Pai Jerônimo Aché Ilê Obá, primeiro terreiro tombado no Estado de São Paulo. Correa (2014) o presente guichê marca um fato inédito neste CONDEPHATT. Pela primeira vez é solicitado o tombamento de um templo cujo culto tem origem negra, o Aché Ilê Obá. Isto, mais uma vez, nos coloca diante da necessidade de reflexão a respeito dos critérios de seleção para tombamento. Em uma sociedade pluralista como a nossa, coexistem várias tradições e visões de mundo. Algumas delas são valorizadas pelas elites e legitimadas pelo Estado, enquanto outras - talvez pela inobservância da questão da diversidade (grifo da autora) por parte dos órgãos competentes e por estarem à margem da história oficial e da cultura dominante - são relegadas a segundo plano.

Pela primeira vez é solicitado o tombamento de um templo cujo culto tem origem negra, o Aché Ilê Obá. Isto, mais uma vez, nos coloca diante da necessidade de reflexão a respeito dos critérios de seleção para tombamento

Mais uma vez fez uma grande guerra contra o patrimônio afrodescendente, mas após uma longa batalha travada por Mãe Sylvania, sua irmandade, pessoas com senso de humanidade e legitimidade o Axé Ilê obá é um patrimônio Cultural, continuando o pensamento, Correa (2014), o tombamento do terreiro só foi possível pela ação engajada de Mãe Sylvania e da comunidade do Axé Ilê Obá, junto à sociedade abrangente, apoiada por estudiosos e políticos. Esse ato, como vimos no item anterior, foi divisor de águas na política de patrimônios em São Paulo, e, ainda, responsável pela continuidade desse território.

E Mãe Sylvania de Oxalá aceitou e compreendeu amplamente seu destino e continuou abrindo espaços, lutando contra exclusões e apagamento feitos com tanto requinte e continuidade na sociedade brasileira, onde destacamos. Correa (2014), nesse movimento, partimos sobre os diversos grupos negros que historicamente foram formados, na maioria das vezes, sob condições adversas. (...)Território negro tem sua formatação dada pela cultura. Do Brás ao Jabaquara percorreu a cidade em busca do mato, morada dos deuses, local de axé. Esse território é mítico, recria a África. É político porque engendra práticas que transcendem seu espaço e conquistou visibilidade não só para sua comunidade. É social, nele a família-de-santo concede força necessária para enfrentar vida.

Mas a república conseguiu ser muito excludente e enfática na existência e possibilidades dos negros e seus descendentes. E isto comprova-se nas: Guerra de canudos - a guerra dos ex-escravizados (1896 - 1897); A Revolução federalistas do Sul (1893 - 1895); A Revolta da Chibata (22 a 27 de novembro - 1910); A guerra do caldeirão; A Revolução constitucionalista de 1930. A Coluna preste - as guerrilhas; e as ditaduras.



Os trabalhos de Mãe Sílvia de Oxalá em defesa das tradições e atuação em obras sociais junto à comunidade lhe renderam lutas e homenagens e prêmios, no Brasil e exterior, onde destacamos:

Sítio da Ressaca - No âmbito político, Mãe Sílvia de Oxalá e os movimentos populares do Jabaquara na gestão de Luiza Erundina (1989-1993), obtiveram a criação do Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro. Sobre essa conquista ela lembra que:

Ali naquele espaço que eles chamam de Sítio da Ressaca, foi um quilombo, que foi importante naquela época em que os negros fugiam vindo de Campinas para o Quilombo do Jabaquara em Santos, ali sempre foi lugar de passagem de negros. (Correa, 2014)

A técnica construtiva empregada neste imóvel foi a taipa de pilão. Depoimento de Mãe Sílvia de Oxalá) mas ninguém reconhece isso, e já são anos de luta, a Erundina foi a primeira que se conscientizou disso e criou o espaço, mas só foi em 1998 que conseguimos homenagear meu tio e a partir daí ele passou a ser o Acervo da Memória e do viver afro-brasileiro Caio Egydio de Souza Aranha, mas até hoje você vê, insistem que ali não era quilombo, mas era tenho provas disso. Fizemos várias atividades lá, levava meus filhos aqui do axé para tomar conta, mas sabe como é essas coisas políticas só com muita briga. Mas tenho fé que vou conseguir"

Criado em 1992, na gestão de Luiza Erundina, o Acervo a partir de 1998, na gestão de Celso Pita (1997-2000), Barrero Junior (2021),passa a se chamar "Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro Caio Egydio de Souza Aranha" em memória à luta de Pai Caio de Xangô, funcionou um período dentro do Sítio da Ressaca ao lado do Centro Cultural do Jabaquara, a partir de 2000 passou a ocupar uma sala do Centro Cultural. As lembranças de Mãe Sílvia remetem a um possível quilombo que existiu na região, mas até hoje esse assunto é silenciado pela história oficial. E no dia 08 de junho de 2018.



Mãe Sílvia, caracteriza-se como liderança política, são mulheres em movimento, são negras, mulheres e mães.

Conforme reportagem na Revista Raça (s/d) o Centro Cultural Jabaquara passou a ser chamado, oficialmente, de “Centro Municipal de Cultura Negra do Jabaquara Mãe Sílvia de Oxalá ccNJ”, graças à lei de autoria do vereador Eduardo Suplicy, de nº 16928, sancionada pelo Prefeito de São Paulo, Bruno Covas.

Fala jocosa da Editora Abril - Correa (2014), em 2000, Mãe Sílvia de Oxalá move processo contra a Editora Abril, por ter publicado na Revista Web, edição nº 10, ano 1 de 01 de julho de 2000, sob o título Saravá Mainha, sua foto associada a texto jocoso onde consta: “Saravá Mainha”, “Quer saber qual é o seu orixá? Esta mãe-de-santo de carne e osso quebra seu galho online” e também a expressão: “Xii...Acho bom zifiu pagar adiantado...”, onde ela supostamente daria consulta ao jogo de búzios online, bem como um pequeno texto de onde constava explicações sobre o candomblé. Dias depois, a Editora tentou explicar o equívoco, justificando que utilizou a foto por engano, sendo que na verdade seria outra yalorixá que de fato atende online. A nota de correção foi feita de forma simples e imperceptível, em texto curto, sem visibilidade, por conta disso, ela resolve processar a editora por danos morais alegando que a matéria é pejorativa e que ela não atende online, muito menos, com finalidades lucrativas. Mãe Sílvia alegou na ação que, a foto reflete brincadeira de mau gosto e que a venda da revista caracteriza exploração comercial com vantagem econômica sobre sua imagem. No processo, a Editora alegou que, explicou-se publicamente o equívoco não causando prejuízo à imagem de Mãe Sílvia. O Juiz, em Primeira Instância, acolheu a alegação da editora e negou o pedido de indenização. Deste modo, ela recorreu à instância superior que em 2005 teve seu pedido acolhido e foi determinado



Sabe-se que ela é uma possibilidade e uma entidade que humaniza o negro de tantos desmandos e desumanizações em especial ao longo do escravismo criminoso e em seus desdobramentos

o pagamento de 10 salários mínimos a título de indenização simbólica, não obstante, o ganho da ação, ela recorre novamente ao Superior Tribunal de Justiça, para o aumento da indenização, em 26 de novembro de 2009, o Ministro reconheceu que: "Ora percebe-se que o total da condenação imposta, revela-se ínfimo, ante a gravidade do dano causado, merecendo, assim, parcial reparo, nos termos do entendimento jurisprudencial desta Corte superior". Com isso, o STJ, aumentou a indenização em mais 10 salários-mínimos a seu favor, tendo sido a primeira yalorixá, a receber indenização por danos morais por ter sua imagem associada à imagem e texto de cunho sarcástico. Esse julgado, se tornou referência para as situações que envolvem as religiões de matrizes africanas e sua divulgação de forma racista no ambiente virtual.

Lei das Cotas, Correa (2014) em 2004, ela ingressa em conjunto com diversos órgãos do movimento negro e do Ilê Omi Oju Arô de Mãe Beata de Yemanjá, no Superior Tribunal Federal na Ação Direta de Inconstitucionalidade proposta contra o sistema de cotas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na ação, o sistema de cotas foi questionado, as yalorixás pretendiam arguir oralmente argumentos em defesa ao sistema de cotas, uma vez que, representam as religiões de origem africana e que, por serem essas religiões resistências culturais, elas possibilitam o enfrentamento das desigualdades raciais e para tanto, o sistema de cotas por elas são reconhecidos como forma de reparação histórica. Assim, ao lado de tantas outras mulheres, e ao lado de importantes yalorixás, Mãe Sílvia, caracteriza-se como liderança política, são mulheres em movimento, são negras, mulheres e mães.

Câmera entrega medalha Anchieta (s/d) Recebeu a Medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão de São Paulo



– 1998, pela Câmara Legislativa do Estado de São Paulo. A Homenageada na exposição Raízes: Mulheres d´África, 2012 do Governo do Estado de São Paulo e Secretaria de Cultura por sua atuação no combate ao racismo junto à sociedade. O Prêmio Luiza Mahin 2012 que é uma homenagem ao dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe ofertada através da Câmara Municipal de São Paulo e o Prêmio Niños de la Calle, em Madrid e o Prêmio Humanista, da Universidade de Ciências de Moscou - com reconhecimento internacional da sua atuação em especial na área humanitária onde comprovadamente o Axé tem um braço de acolhimento e inserção da comunidade do seu entorno; com grandes grupos aquém das estruturas sociais.



Vale ressaltar a importância das formas urbanas como resultante dos processos de produção do espaço urbano. A produção desde os elementos materiais e imateriais da cultura negra, as histórias de vida da população, as histórias contadas e seus significados, as formas de lazer, as organizações sociais, as plantas nos jardins, as apropriações dos espaços públicos e privados.

A articulação em âmbitos além do religioso por parte da atual liderança religiosa, Mãe Sílvia de Oxalá, possibilitou o tombamento histórico do terreiro, garantindo assim, a continuidade e a consolidação desse território enquanto lugar de sociabilidade coletiva. A despeito das políticas segregacionistas e racistas estruturadas no período do pós-abolição que afetaram os territórios negros, nos debruçamos sobre o movimento do terreiro pela cidade e como se tornou em lugar de referência para a cultura afro-brasileira em São Paulo, projeto arquitetônico com 4.000 metros quadrados da década de cinquenta.

A irmandade ou laços de solidariedade negra é um fator importante a se destaca entre o grupo negro este apoio recíproco. Sabe-se que ela é uma possibilidade e uma entidade que humaniza o negro de tantos desmandos e desumanizações em especial ao longo do escravismo criminoso e em seus desdobramentos, pós abolição, que resistem até hoje em pleno século XXI.

Mãe Sílvia foi uma das construtoras de um legado cultural da cidade de São Paulo. Além de líder religiosa influenciou movimentos negros paulistanos durante os anos de 1990 a 2005.

